

**NOVO DOCUMENTO HISTÓRICO DE TRÊS S**

*Edson Sendin Magalhães*  
[edsonsendin@hotmail.com](mailto:edsonsendin@hotmail.com)

**TRÊS MARCOS HISTÓRICOS DA FILOLOGIA  
NUMA CONCEPÇÃO DE HISTÓRIA DA LÍNGUA**

I S – SOUSA DA SILVEIRA (Álvaro Ferdinando de Sousa da Silveira) acha que a história é mundo fenomenal de que se “tira” uma lição, **A lição de Sousa da Silveira; Lições de Língua Portuguesa** [AFSS].

II S – SERAFIM [PEREIRA] DA SILVA NETO concebe a história como um memorialismo evolutivo que parte de uma fonte à qual retorna agostinianamente: **a capacidade humana, gerada pelo amor e pela sabedoria, pela fonte clássica e fonte vulgar, do latim ao português neolatino**; assim, passamos das lições às fontes ou origens [SSN].

III S – SÍLVIO ELIA (Sílvio Edmundo Elia) passa pela concepção fenomenal (I S) – não fica; ultrapassa a fase documental, geográfica (II S); e busca na terceira fase a terceira via: **A história da língua como uma evolução nomenclacional do homem, história da língua como história dos homens pelas suas noções de mundo aplicadas** – chega-se à filosofia além de Agostinho, quando além está o complexo prestígio social das formas [SEE].

As três concepções, uma discípula da outra, não se altercam ou disjungem. Seus conflitos, antes, se intercomplementam, num enriquecimento não só de perspectivas, mas de método de colher dados, ocorrências linguísticas, a efetivar as científicas explicações dos fatos. As três concepções nos mostram que muito há para ser estudado e compreendido nos ambientes comuns da consciência em face da competência linguística. As três convergem para a complexidade. Assim, sua convergência está na expressão de Sílvio Elia, o modelo de gramática confluyente, da forma ao fundo que nela aparece. Sílvio Elia evoluiu e fez projetar-se a evolução das três linhas, mais notadamente de SSN, com quem mais conviveu de perto. E toda essa observação se apoia num trabalho da maior demonstração de confluência de [SEE], sua maior notação de Linguagem: “Unidade e diversidade fonética do português do Brasil” (Elia, 1963, p. 233-301). Quanto mais perto da Unidade, a ocorrência teria mais prestígio, pois apresentava mais relações com o UNO. Essa observação teria servido para a nossa geral concepção de que as formas são mais

## ***Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04***

do que formas. Elas escondem princípios e os homens. Suas aptidões, inatas, armazenam as pré-condições para a criação do imaginário com que se expandem as alternativas da criação ou auto-organização. Os mais indicados, para esse assunto, são Leodegário A. de Azevedo Filho e Emmanuel Pereira Filho, entre outra autoridade.

Dessa forma auto-organizadora, para os três [SSS], a linguagem – que é criadora de língua e estratos linguísticos em deferentes aspectos do mesmo nível, seja fonético, mórfico, sintático ou semântico e estilístico – fez o homem que faz a linguagem, e a modalidade escrita é a mais conservadora de todas as modalidades possíveis, em qualquer nível de registro e em qualquer aspecto ou estrato do código.

### **AFSS – SOUSA DA SILVEIRA**

Em “Duas Palavras”, segundo a expressão feliz de Carlos da Rocha Lima (1971, p. VII) sobre AFSS, em grande síntese, “a significação da Fonética Sintática nos estudos superiores da língua portuguesa” basta para nos lembrar a densidade de informações contidas, transmitidas nessa obra assinada por AFSS, com probidade – que é o que mais conta ainda – e segurança que marcaram o autor dotado de imenso saber e perspicácia filológica e registraram essa marca. AFSS nos oferece algumas interpretações definitivas de passagens até então mal explicadas de grandes escritores do idioma – isso é fazer história como quem dá lições: “da história se tira uma lição” ou uma interpretação; na época, ele soube, como ninguém carrear preciosos subsídios para o esclarecimento de frases feitas, destino de uma língua, destino, antes, da cultura de um povo, destino, antes, de uma comunidade que é uma nação condenada a melhorar, a se hominizar e humanizar; isto é a civilizar-se.

Nesse trabalho, com 144 laudas, o autor, AFSS, recorre pertinente e contextualizadamente a mais de 130 fontes bibliográficas, para tecer a coerência e a coesão dos argumentos da sua tese, para este contexto, pelo menos, como foi mostrada no início deste texto, em I S. Dessa maneira, a tese não separa a língua da literatura e da cultura, assim como a Fonética Sintática, projetada, propositada e programada em Fonética vocabular e Fonética sintática, com eviden-

ciação dos fatos da Ligação do final de uma palavra com o começo da seguinte (Elisão, Aparecimento de um fonema de transição, Modificação do fonema final de uma palavra, Crase, Próclise, Ênclise, Haplologia), com Algumas aplicações dessa mesma fonética sintática, interdisciplinarizada com todos os aspectos e estratos da língua, como em construções do tipo analisável, a exemplo de: “O que quer que”, “Quentar (ou esquentar)”, “Soltos cabelos nas espáduas nuas”, “Se queres culto, como um crente adoro”, “Esta água que d’alto cai”, “Quando vós primeiro vistes”, “... com tanto amor se amárom/ como males lhe causárom/ este bem” (quebrando a fronteira entre os domínios diacrônicos e sincrônicos, quando ainda a ciência não tinha divulgado satisfatoriamente a consciência de V. Wartburg<sup>11</sup> sobre a pancronia, em que implicava tal fenômeno ou acontecimento), “/e se detinha, / pois que Deus a trouxe aqui/ não pereça”. O que, enfim, nos levará a ver AFSS é que a aplicação dos conhecimentos de cada parte, estrato e aspecto da gramaticalidade, como da Fonética Sintática, que tem, como todas as particularidades, suas idiossincrasias, se pode, algumas vezes, conseguir que:

as locuções feitas, algumas aparentemente paradoxais, como “quentar ou esquentar sol”, sejam satisfatoriamente explicadas;

construções de aspecto irregular, “que busca lá?” = “que buscas lá?”, se tornem absolutamente normais (alusão ao termo expletivo “lá”);

textos obscuros deixem transparecer claro o pensamento, como transcrevemos o exemplo de um trecho com a bastante obscuridade do pensamento contido no 5º verso dos seguintes de Gil Vicente, *Auto da Alma*, in: *Obras* (Apud Silveira, 1945):

---

<sup>11</sup> Em seu livro *Evolución y Estructura de la Lengua Francesa*, informa que o termo fora cunhado pelo Saussure em 1916. Desde a Primeira Guerra a divulgação cresceu e se desenvolveu ao lado da diacronia e, nesta e com esta, a sincronia; aqui, se localizaram os diferentes sistemas linguísticos, que são apenas casos particulares, se tomamos a pancronia para designar um estudo da língua que transcenda os sistemas idiossincráticos e que chegue a fixar as leis gerais do sistema abstrato da linguagem, já que este é próprio do indivíduo humano, abstrativo. Já a diacronia fora proposta por Saussure (1916), cujo conceito ele delimita como um dado, como acontece em todos os ramos da ciência, nestes termos: “Esses ramos deveriam interessar-se por assinalar mais escrupulosamente a sua perspectiva sobre que estão situadas as coisas de que se ocupam; ela havia de distinguir figurativamente perspectivas de: I, simultaneidades (horizontal, aspectos evolutivos da nossa ciência); II, sucessividades (vertical, aspecto estático da nossa ciência).

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04**

Ide à santa cozinha  
tornemos esta alma em si  
porque mereça,  
de chegar onde caminha  
e se detinha,  
pois que Deus a trouxe aqui  
não pereça.

Diz AFSS:

Ninguém, que eu saiba, explicou satisfatoriamente aquele ‘se detinha’. Acho-lhe, contudo, adequado sentido se admitirmos que o ‘se’ está, em consequência da haplologia, em vez de ‘se se’. Teremos então: ‘e se se detinha, pois que Deus a trouxe aqui, não pereça’ (AFSS, *op. cit.*, p. 120).

Se, entretanto, considerarmos a adversidade (‘pois que’ = mas, porém; veja-se o Aurélio a respeito) da concessão (‘e se’= ainda que), finaliza-se a se justificar contextualmente o caráter modal subjuntivo de “não pereça”. Como se há de permitir o “a priori” cartesiano do pressuposto da gramática normativa ou coercitiva e fechada, contamina-se o sentido de apelo ou modo imperativo negativo contido na decisão “não pereça” da oração principal do período mal pontuado na intercalação das orações mistas de parataxe de hipotaxe (1º, 2º e 3º versos). E se virmos o aspecto condicional acumulado na hipótese da concessão, o “se” servirá de indicador (pronomo reflexivo do sujeito ‘alma’ elíptico), sugerindo a conjunção condicional. Assim, conectivo e pronomo agem como termos não de aparência, mas de ação. Agem sem aparentar, sob o princípio que se viera a compreender, quatro séculos depois de Gil Vicente como a noção de Localização Complexa de Whitehead (1925)<sup>12</sup>. Condicional, se não causal de ‘não pereça’ pode ser a hipotaxe em prótase de “não pereça” (apódose do sintagma oracional, periódico). ‘Ide, tornemos, mereça (causal, dividindo espaço semântico de explicação, em face do conectivo conjuntivo “porque”= como) e pereça (negado). como aspecto verbal de tolerância como decisão ou desejo no apelo do imperativo negativo da oração principal ‘não pereça’, já que a ‘alma em si’ é, desde Platão, sabidamente imperecível. Reorganizemos (num contra-imperativo) a nossa sintaxe de intercessores auditores conscientes da

---

<sup>12</sup> O autor afirma e sentencia que as coisas, os objetos, termos, no nosso caso, se localizam onde agem; difere, por reviravolta, da Teoria da Localização Simples de Laplace, para quem os objetos se localizam onde aparentam.

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04**

complexidade: “Ide à santa cozinha” – localização da hipótese renascentista da voz do imperativo Ide, pressupondo um movimento humano ou uma ação corpórea de vontade humana no espaço hagiológico ou de avatar, terrenizado no termo doméstico “cozinha”; já que à santidade não se vai, pode-se chegar ao lugar santificado pela força da transformação lexical ou contextual “tornemos”, numa sequência modal de imperativos: Ide, tornemos, mereça, não pereça (que fascismo arrogante ou decisionista, próprio do pragmatismo Quinhentista, ainda que se propondo a acatar a intervenção divina de trazer, já no passado do modo indicativo: “trouxe”!). Ante a hipótese do aspecto apelativo de desejo do modo imperativo, fascista, tomada anacronicamente, em recursividade às culturas e às eras, teremos a seguinte pontuação direta: Ide à santa cozinha, / tornemos esta alma em si (coordenada assindética aditiva de vós – ação interna da alteridade do discurso, em função da linguagem conativa) contra a voz da primeira pessoa do plural de modéstia ou falsa modéstia de nós (função emotiva da linguagem), cuja forma está em figura de sombra ou apenas de contornos da projeção da luz (em eclipse ou ocultamento do sujeito oracional ou de sua visibilidade sensual, ficando na claridade o morfema ou DNP –mos, presos à forma entre parânteses para cá transposta (‘tornemos’ – voz fantasmagórica de nós, no apagamento, na sombra, no tipo oculto ou de alusão dêitica, variante da possível forma pronominal, da qual só se percebe em possível correspondência dêitica, arbitrária ou do esquecimento histórico, o elemento mórfico e preso – mos); e, agora vamos ao ponto chave da questão: Ide à santa cozinha, tornemos esta alma em si; não pereça (+ explicações sintáticas, quando a sintaxe faz semântica, não na arbitrária arrumação ou ordenação dos termos da frase, mas na perspectiva do contexto) “e o homem – por que não a leitura também do homem? – evolui para o contexto – diz-nos Bastien, com quem concorda Benveniste (1996). Desse modo, lembramos que Bastien não é o único contextualista; nessa linha, acrescenta-se E. Coseriu (1976), que assumiu, peremptoriamente, que tanto o Contexto quanto o Entorno são duas categorias do discurso cuja desconsideração pode alterar muito e até inviabilizar uma interpretação da atividade da língua nas múltiplas e infundáveis ocorrências da vida do indivíduo – noção de *parole*, para a perspectiva do linguista genebrino, Saussure (1995). Neste ou na sua inevitável intuição criativa e no seu imaginário social constituinte, também objeto da ciência, interseccionado na mesma

## ***Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04***

perspectiva epistemológica – sem desmerecer as especificidades de cada fazer científico necessário – lemos com palavras (*paroles*). Essa (noção de Saussure se relaciona com a contextualização do discurso, como aspecto ativista do texto da langue) E só a sua transformação contextual em signos e semioses nos comporta, em perspectiva antropocsmológica, a significação, no sentido com que nos transcorremos em linguagem (abstração contextualizável). A propósito, as palavras emitem sinestésias, inclusive luz, cuja projeção provoca sombra. Daí, podemos dizer que relação de palavras tem sombras, além das luzes e sensações, cuja projeção provoca sombra, como já o disséramos. Daí podemos dizer, então, que a relação de palavras tem sombras, além das luzes e sensações. Dessa forma, a sombra apaga em elipses sujeitos, deixando um contexto subentendido; apaga um exóforo (externalidade ou situação em estado de entorno) e permite a impotencialização parcial do contexto (endóforo, estado interno). Nessas circunstâncias anafóricas de localização culinária do texto (1º verso), subentende-se em sombra na sequacidade da opacidade de um corpo verbal (*parole*) que se perde na percepção ou na acuidade dela no apagamento do “eu” lírico. Desta sorte, para o poeta renascentista (Gil Vicente, no caso), a fim de se disponibilizarem, outros centros possíveis se abrem. Nessa abertura, não se pesam apenas o achado e a demonstração da teoria heliocêntrica de Copérnico (até 1543), contemporâneo de Gil Vicente. A retirada do geocentrismo do entorno, atenua a consciência da noção do telúrico e projeta-o contra a sombra, para a luz do Sol. Ficara sem claridade suficientemente de todo visível a preposição terrena de movimento na localização da caminhada, por “...onde caminha”, 4º verso, no qual se caminha onde se chega; em ‘onde se chega’, localiza-se um gesto conclusivo; (por) ‘onde se caminha’ é o lugar que vitaliza a caminhada que se torna viva, apesar da haplogia da preposição de movimento (por), da linguagem humana, portanto, também viva. Nesse efeito hermenêutico, a linguagem, aurora da vida humana é coisa viva; seu vitalismo se faz aurora de toda a vida e até da própria possibilidade de vida, que é o sentido onde encontráramos a possibilidade de significação. Todavia, acrescentamos, agora a catáfora extrema (7º verso: “não pereça”) na relação sintática com o anafórico 2º verso: “tornemos esta alma em si” (deixa de ser voltemos à concepção por motivo semiótico da falta da preposição da construção em tornemos a esta alma em si, para consagrar a estrutura semântica de tornar como transformar), na-

quele contexto de que falávamos como endóforo (contexto interno). A força dessa relação faz a significação do sentido de distanciamento da oração despontuada: “não pereça” (7º verso). Acendendo-se toda a sombra, na sequência da luz sem luzeiro, sem Iluminismo setecentista – claro, veremos nitidamente, na catáfora (correlação da anáfora) “não pereça”, a composição de lugares parataticamente seguidos ou aditivados “onde (esta alma) caminha e (onde) se detinha”. Trata-se de duas orações subordinadas adverbiais de lugar (locativas da oração, sua subordinante, “de chegar”, também sua prótase imediata ou oração principal do conjunto locativo, nessa relação hipotática); o caráter não mais anafórico da haplologia da preposição por, em respeito semântico do vazio formal e semiótico da ausência da forma, explicaria que por ser esta “alma em si”, puramente ser, ela não precisaria de movimento; divindades também são puras e imóveis e até imortais; nesse caso de alma imortal, ente puro e imóvel, a estilística semântica dialogaria com a sintática para que esta cedesse a ‘Deus’ a pontuação e a preposição. Contudo, a vírgula logo após “detinha” distancia discretamente a ‘alma’ de ‘Deus’; este não trouxe a alma para cá trouxe aqui: ou seja, ele já estava lá, imóvel, ser que traz puramente ou não traz senão em metáfora. De concreto, linguisticamente, a alma difere de Deus; ela é outro ser, outro sujeito, e deslocado; a alma é deslocada para a imobilidade próxima e detida; no entanto, o sentido de imobilidade perde luz para a alma, fica dependendo da dedução ou extensão da perspectiva hermenêutica. O mais difícil de um contexto de segunda mão ou interpretacional, como este texto experimental, se limita à perda da motivação do intercessor auditor, se considerarmos a perspectiva de surdez no pensador e analista François Mauriac: “tudo que se tinha já foi dito; a humanidade é que não ouviu; por isso, é necessário que se repita, a cada instante!”. E se ‘Deus’ for causa, a catáfora se cristaliza! Nessa hipótese, no 6º verso: “pois que Deus a trouxe aqui” se equivaleria a porque ou como (causa) Deus a trouxe aqui, ou isso dito na forma reduzida de infinitivo pessoal, por Deus trazê-lo (oração subordinada adverbial causal), / não pereça. Consequentemente à proposta de fidelidade da história do livro corresponde à compreensão de sua forma, na relação com as estruturas de composição, de enunciação do discurso, por via de análise e interpretação.

## ***Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04***

### **II S: SSN – SERAFIM DA SILVA NETO**

Para ser sintético e conclusivo, enfim, SSN foi, ao lado de AFSS, o material, a fonte, a complexidade, a referência-guia, a inspiração dos melhores e mais cunhados e consultados e debatidos e aca-  
tados professores e mestres de várias gerações de estudiosos da Língua Portuguesa, especialmente no tocante a temas e problemas permanentemente atuais, como se teve a oportunidade de demonstrá-lo, através de Gil Vicente em AFSS. Finalmente, consideramos que passamos da perspectiva, embora mostrada rapidamente, das lições de AFSS (o mestre Sousa) às considerações que enfatizamos, entre outros aspectos, as origens da nossa língua num exame bem acurado, sem precedente ao mesmo nível de riqueza de fonte, de farta e especializada bibliografia, cujo emprego e interpretação jamais se arriscaram aos comportamentos reducionistas. Em suma, na fonte chamada Serafim da Silva Neto se localizaram vários pesquisadores famosos; entre eles, em destaque, se colima o grande mestre, sempre a par das novidades, mas fiel às convicções filológicas, abertas à filosofia, ao diálogo com os pensadores.

Conclui-se com as palavras do próprio Sílvia Elia, a melhor autoridade para falar de SSN.

### **III S – SEE SÍLVIO ELIA**

Essa marca do pensador Sílvia Elia, como um analítico do diálogo científico inter e transdisciplinar (filologia – filosofia – história), especialmente com relação a Noam Chomsky (Elia, 1971, p. 47 e ss.) não deixaríamos embotar, pois ela por si só já demonstra satisfatoriamente, além de uma vasta e relevante obra cuidadosa, a razão de gratidão e empenho dos seus discípulos. Entre esses, temos a honra de figurar desde a UB e o mestrado de LP na UFRJ, ao lado da professora Amália, discípula direta do Sousa, Matilde, as gerações do Colégio Pedro II a que pertencemos como discípulo atento e saudososo, cursando, nesses últimos trinta anos, filosofia da complexidade – veja-se até onde pode ir a influência de mestres como estes (Costa Pereira, Rocha Lima, Cândido Jucá, Celso Cunha – só para citar alguns nomes não menos importantes do que Oiticica, Nascente, entre



## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04**

outros, tendo como o primeiro Joaquim Mattoso Câmara Júnior, todos bem conhecidos pelo Sílvio Elia).

Em viagem de Barca Cantareira com o admirável mestre Sílvio, fomos à UFF – Niterói, na década de setenta, quando se descobriu que, dentre suas mais insistentes reflexões, engasgava-lhe os canais cerebrais da mente a preocupação com relacionar a Filosofia de Chomsky com a sua, não puramente formalista. Assim, aplicam-se os próprios embaraços de Chomsky aos seus escritos sintáticos e linguísticos, de um modo geral. Ali, também, SEE teria prestado uma grande ajuda aos seus discípulos e leitores.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ELIA, Sílvio. A filosofia da gramática transformacional. In: *3º Congresso brasileiro de Língua e Literatura (de 5 a 16 de julho de 1971)*. Rio de Janeiro: Gernasa, 1971, p. 47 e ss.

———. *Ensaio de filologia*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1963.

LIMA, Carlos da Rocha. Duas Palavras. In: SILVEIRA, Sousa da. *Fonética sintática e sua utilização na explicação de expressões feitas e na interpretação de textos*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1971.

SILVEIRA, Sousa da. *Textos quinhentistas*. Rio de Janeiro: Faculdade Nacional de Filosofia, 1945.

WHITEHEAD, Alfred North. Teoria do Acontecimento. In: ——. *Ciência e mundo moderno*. São Paulo: Brasiliense, 1925.

BENVENISTE, Émile. *Problèmes de linguistique générale*. Paris: Gallimard, 1996.

COSERIU, Eugenio. *Teoría del lenguaje y lingüística general (Cinco estudios)*.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de lingüística geral*. Portugal: D. Quixote, 1995.